

SETEMBRO/OUTUBRO, 2010



AFROBRASILIDADES & AFINS

MENECHICK

2º

ATO

02 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



“MESMO QUE VOCÊ ESTEJA NO  
CAMINHO CERTO, SERÁ ATROPELADO  
SE FICAR SIMPLEMENTE SENTADO”,

WILL ROGERS

**ONDE ENCONTRAR A SUA REVISTA**

**SOSO / ARTE AFRICANA CONTEMPORÂNEA** AV. SAO JOÃO, 313, 2ºANDAR - CENTRO

**LIVRARIA SUBURBANO CONVICTO** RUA 13 DE MAIO, 70 - 2º ANDAR - BIXIGA

**MUSEU AFRO BRASIL** PARQUE DO IBIRAPUERA, PORTÃO 10 - IBIRAPUERA

**CASA DA PRETA** RUA INÁCIO PEREIRA DA ROCHA, 293 - VILA MADALENA

**GALERIA BRASILIANA** RUA ARTUR AZEVEDO, 520 - JARDIM AMÉRICA

**AÇÃO EDUCATIVA** RUA GENERAL JARDIM, 660 - VILA BUARQUE

**LOJA 1 DA SUL** RUA 24 DE MAIO, 62 - LOJA 40 - CENTRO

**MATILHA CULTURAL** RUA REGO FREITAS, 542 - CENTRO

## editorial

**D**ando continuidade a filosofia de ser uma imprensa de cunho colaborativo e de acesso livre; do lado de cá, atrás dos livros, teclados, câmeras e gravadores, essa edição de **O MENELICK 2º ATO - Afrobrasileiridades & Afins** foi pensada e produzida por um time heterogêneo de profissionais, mas igualmente talentoso e sagaz.

Da capa a contra-capa da revista, todo conteúdo presente nesta publicação foi escolhido com o objetivo de convergir, com rebeldia gráfica, a produção moderna e contemporânea das artes afrobrasileira, urbana e dita marginal, oferecendo a você leitor a possibilidade de refletir sobre essas manifestações.

O jornal O Menelick, marco da imprensa negra paulista e que inspirou a criação de O MENELICK 2º ATO teve, segundo estudiosos da área, apenas duas edições. Sua curta trajetória começou no final de 1915 e se encerrou no início de 1916. Os tempos eram outros e somente a resistência atrelada ao idealismo não foi capaz de custear o periódico.

Por isso, esta publicação que você tem em mãos é muito especial. Já que trata-se do terceiro número da revista, uma vez que tudo começou com a edição oo.

É honroso saber que a luta em defesa da valorização do negro paulista como sujeito tendo a mídia impressa como plataforma não foi em vão. A responsabilidade em seguir e ampliar as possibilidades editoriais do jornal O Menelick, conforme pretendemos, também é muito grande.

São inúmeros os fatores que contribuíram para que esta revista chega-se até aqui, como também são incontáveis os motivos que insistem em nos fazer jogar tudo para o alto e desistir.

Momento para comemorar a conquista, ou temer o futuro? Melhor nos mantermos serenos, focados e tocando o barco.

Amanhã? Não sabemos. A única certeza que temos é que viemos para ficar.

**Boa leitura,**  
a resistência continua!  
Nabor Jr.

# quilombo



**Nabor Jr.** | *Jornalista e fotógrafo, 28 anos.*

Pai da criança. "Mais um parto bem sucedido. A família está crescendo"



**Thiago Morya (8 ou 80)** | *Ilustrador, grafiteiro e artista plástico, 25 anos.*

Unindo passado, presente e futuro, concebeu, à mão, a capa da revista. Talento nato. "Depois de 4 ou 5 anos na penumbra resolveu comprar um celular".



**Juliana Biscalquin** | *Jornalista e Fotógrafa, 24 anos.*

Mestranda em Multimeios pela Unicamp, pós-graduanda em Jornalismo Cultural pela FAAP e finalizando um curso de fotografia na Escola Panamericana. "Ufa!"



**Ramiro Zwestsch** | *Jornalista, 35 anos.*

Idealizador do site Radiola Urbana. Atualmente é diretor de texto do programa Metrópolis, na TV Cultura.



**Carol Ferreira** | *Jornalista Cultural, 25 anos.*

Apaixonada pela vida e por Teatro. "Sabiá com trevas".



**Cristiane Gomes** | *Jornalista, 32 anos.* Sacudida, a primeira dama do programa Manos e Minas, da TV Cultura, produziu a matéria "Protagonistas, sim!".



**Paola Vianna** | *Fotógrafa e publicitária, 27 anos.* Ex-assistente de fotografia da revista Época e atualmente coordenadora do estúdio da agência de publicidade Lew Lara/TBWA. Estreante na revista, fez as fotos do ensaio "Ave, Maria!".



**O MENELICK 2º ATO** é uma iniciativa da MANDELACREW COMUNICAÇÃO E FOTOGRAFIA Rua Roma, 80 – Sala 144 - São Caetano do Sul / SP CEP: 09571-220 - Tel.: (11) 9651 8199

**AGRADECIMENTOS** Maria Cecília Braga dos Santos, Ana Santiago, Thays Quadros, Nayara de Deus, Alexandre Bispo e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que a revista O Menelick 2º Ato se tornasse realidade.

**DIREÇÃO** Nabor Jr.  
omenelickzato@gmail.com

**REVISÃO** Dani Brait  
dbrait@hotmail.com

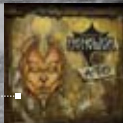
**COMERCIAL** Maria Cecília Braga  
omenelickzato@gmail.com

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**  
Edson Ikê | [www.ensaiografico.com.br](http://www.ensaiografico.com.br)

**CAPA** Thiago Morya (8 ou 8o)  
[www.flickr.com/photos/oito\\_ou\\_oitenta](http://www.flickr.com/photos/oito_ou_oitenta)

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA** em galerias de arte, centros culturais, shows, festas, feiras, festivais, casas noturnas, lojas e zonas de conflito.

**TIRAGEM** 2 mil exemplares





*Instrumentos de Percussão*



**Djembé  
Atabaque  
Derbak  
Talking Drum  
Alfaia  
Caixa do Divino  
Aulas de Percussão  
Reforma de Instrumentos  
e muito mais!**

**QUAL O NOME E O CONTINENTE DE ORIGEM  
DO INSTRUMENTO DA FOTO?**

ENVIE A RESPOSTA CORRETA PARA:

omenelickZato@gmail.com E CONCORRA A UMA  
LINDA KALIMBA AFRICANA! O SORTEIO ACONTECE NO  
SÁBADO, DIA 18/09, ÀS 15H, NA TAMBORES ZÉ BENEDITO!

**APRESENTE ESTE ANÚNCIO E GANHE 15% DE DESCONTO NA COMPRA DO SEU INSTRUMENTO!**

# conteúdo



**26**

**AVE, MARIA!**  
"Maria", de Castro Alves, segundo a fotógrafa Paola Vianna

**08**

**PROTAGONISTAS, SIM!**  
As mulheres e o seu lugar no Rap

**12**

**PIXO, LOGO EXISTO**  
Cia. Extremos Atos reflete sobre o universo da pixação no espetáculo "Pixologia"

**18**

**TODOS SÃO CULPADOS**  
O realismo periférico de Ferréz em "Cronista de um tempo ruim"

**24**

**SANDRA IZSADORE**  
A influência feminina na criação do afrobeat

**34**

**JOVEM SETENTÃO**  
Desmistificando o mais tradicional fotoclube do país

**38**

**CARTOON**  
Xandão estreia a coluna "Tiradas"

**20**

**BENJAMIN**

O filho da "amnésia nacional"



# Protagonistas,

## As minas e o seu lugar no Rap

POR CRIS GOMES | FOTOS MANDELACREW E DIVULGAÇÃO

**F**oram mais de 20 anos de exclusão, preconceito e machismo. Desde o início da década de 80 (quando o movimento Hip Hop desembarcou no Brasil por intermédio das equipes de baile, das revistas e dos discos vendidos na rua 24 de Maio) até poucos anos atrás, elas, as minas, tinham que vestir calça larga, falar grosso e rimar sobre temas masculinos para poderem ter certo respeito na cena rap. Hoje, porém, os tempos são outros e, finalmente, já podemos dizer: Rap também é coisa de mulher, sim senhores (e senhoras)!

Este vagaroso processo de democratização do rap nacional talvez tenha sentido a verdadeira força da mulher no Hip Hop em 1995, pela voz rouca da MC Dina Di, que junto com o grupo Visão de Rua transformou a música “Confidências de uma Presidiária” em um clássico das periferias brasileiras.

De lá pra cá, o movimento Hip Hop, em especial o rap, passou a dar mais espaço à feminilidade nos beats e

arranjos das suas rimas. As mulheres, é verdade, são as reais protagonistas dessa conquista. Com charme, estilo e um microfone nas mãos, hoje elas dividem com igualdade as proezas e tristezas de pertencerem a um movimento que segue sendo marginalizado em nosso país.

E para saber como as mulheres analisam o atual cenário do rap feminino no Brasil, O MENELICK 2º ATO trocou uma idéia com as MC’s Lurdez da Luz, (vocalista do Mamelo Sound System e que lançou recentemente um elogiado disco solo) e Tielly Queen (coordenadora do projeto Hip Hop Mulher, que reúne minas que atuam no movimento de todo o Brasil).

Para elas, muita coisa ainda precisa acontecer, embora as mudanças caminhem bem. Mas uma coisa é fato, as minas precisam correr atrás e buscar sua originalidade. Com a palavra, as mulheres do rap.



**O MENELICK2°ATO - O Hip Hop é um ambiente muito masculino?**

**Lurdez da Luz** – Acho que antes era necessário meio que se masculinizar pra poder chegar junto e ter um suposto respeito. Mas hoje isso não é mais necessário. Você não precisa estar de calça larga ou fazer uma rima sobre o universo masculino, tipo treta, rua. O que eu vejo agora é um rap feminino mesmo. Não só mulheres fazendo, mas rimando sobre suas vidas e seu universo. É muito legal isso, e é bem recente. O rap com cara de mulher tomou uma proporção e chegou ao público não faz muito tempo.

**OM2°ATO - Quais os principais obstáculos para as Minas terem um lugar ao sol no rap?**

**Tielly Queen** - As mulheres não tinham confiança porque os homens não davam abertura para elas se sentirem confiantes e assumirem seu espaço. Hoje a confiança é mais forte. Outra coisa é a autonomia. Sempre tinha/tem algum namorado, noivo, irmão, o que for, dando idéia e assumindo a “responça” do trampo, por exemplo. A sociedade machista e patriarcal já injetou essa idéia que a mulher tem de cuidar da casa e dos filhos. Mas aos poucos isso tem que mudar! As mulheres estão mais autônomas e fazendo acontecer como cantoras, grafiteiras, DJ’s e b-girls.

**OM2°ATO - Os homens estão respeitando mais o trabalho das minas do rap?**

**Lurdez** – Sinto isso com o meu disco. Tá rolando geral dos caras curtirem, ouvirem, mesmo eu falando de coisas que não fazem parte diretamente do universo deles. Talvez o que atraia seja o som, o resultado final da música, a sinceridade com que ela foi feita. Mas de modo geral, o que eu sentia antes era um certo desinteresse pelo que as mulheres estavam falando. Como se a gente fosse inferior. Rolava muito essa postura. Hoje está mudando, mas ainda tem bastante coisa pra acontecer.



Lurdez da Luz



Tielly Queen

“A sociedade machista e patriarcal já injetou essa ideia de que a mulher tem que cuidar da casa e dos filhos. Mas aos poucos isso tem que mudar!”

**Tielly** - A principal conquista é a libertação. A mulherada está mais envolvida e com liberdade de fazer acontecer. Está aproveitando o conhecimento para mobilizar, realizar e articular atividades com temáticas voltadas aos seus interesses. Dando mais confiança às outras mulheres e multiplicando ações pelo país inteiro. É assim que se faz Hip Hop. Estou com o Hip Hop Mulher há 3 anos na batalha, mas tem vários outros coletivos de mulheres que estão aí fortalecendo e garantindo mais espaços pelas cidades. As minas estão seguras, com voz ativa e partindo pra cima, sem medo!

### **OM2ºATO - E daqui pra frente?**

**Lurdez** - As meninas têm que correr atrás: estudar, buscar uma originalidade dentro do trabalho pra poder se destacar e se desenvolver musicalmente. O importante é chegar com um trampo consistente e não desistir fácil. Tem que insistir e tomar a frente da sua

carreira, saber que linha seguir, que mensagem passar, se informar, se ligar nos beats, ler e colocar na rua. O espaço está aí, cada vez mais aberto. Cantoras de música brasileira, músicos que tocam vários estilos, estão se interessando pelo rap de uma maneira bem maior do que no passado. Acho que rompemos a barreira de que o rap não é música. Daqui pra frente a tendência é o rap chegar ao mesmo patamar de outros ritmos musicais. E as minas estão fazendo parte desse todo.

**Tielly** - O caminho é ser autêntica. Ter respeito ao trabalho da outra/o. Tem gosto pra tudo. Então, tem tipos de hip hop variados pra conquistar ou levar uma ideia para todo mundo. Sabemos que estamos em um momento em que tudo se copia, mas o “diferencial” na cópia é se irá chamar a atenção. O caminho é trabalhar o conhecimento para conquistarmos mais espaços e realizarmos mais atividades, publicações, CDs, shows, etc. 🎤

## DINA DI

No início dos anos 90, com o grupo Visão de Rua, fez muito barulho na cena rap nacional com a música "Confidências de uma Presidiária" (clássico das periferias no país). É vista como a primeira mulher a alcançar sucesso no rap brasileiro. Faleceu, por decorrência de uma infecção hospitalar, no dia 19 de março deste ano, aos 34 anos.

## RUA 24 DE MAIO

Assim como as imediações do Metrô São Bento, a Rua 24 de Maio é o berço da cultura Hip Hop no Brasil. Foram dos encontros ocorridos nesses dois locais durante os anos 80 que despontaram nomes reconhecidos do gênero, como: Thaíde, Dj Hum, Região Abissal, Racionais MC's, Nill (Verbo Pesado), Sérgio Riky, Defh Paul, MC Jack, Stylo Selvagem, Doctors MC's, Shary Laine, M.T Bronks, Rappin Hood, entre outros.

## ▶ CLICK

[hiphopmulher.ning.com](http://hiphopmulher.ning.com)  
[myspace.com/lurdezdaluz](http://myspace.com/lurdezdaluz)



# logo existo

Cia. Extremos Atos reflete sobre o universo da pixação na peça "Pixologia"





xperimentação de risco, irreverência juvenil, manifestação artística, vandalismo ou ato de rebeldia? Esses são alguns dos inúmeros questionamentos que perseguem a pixação, uma das mais latentes manifestações da cenografia urbana de São Paulo desde o final da década de 60 (período do boom das revoluções estudantis e operárias na Europa e Estados Unidos).

Atualmente e talvez com mais intensidade do que nunca, os pixadores seguem enfrentando riscos para reivindicar uma identidade por meio da ocupação de espaços teoricamente proibidos para deixar uma mensagem ou um registro de sua presença. É justamente esse universo que a Companhia Teatral Extremos Atos aborda no espetáculo "Pixologia", monólogo escrito e dirigido pelo ator Emerson Alcalde, que dá vida a quatro personagens. Ao lado dele estão Fernando Matraga, no comando do som, e Joyce Ribeiro, na iluminação.

Para discutir o polêmico assunto, Emerson encarna um estudante de artes plásticas que narra uma experiência vivida com um grupo de pixadores nas ruas da capital paulista. A peça faz, também, um percurso pela história da arte – da pintura rupestre aos movimentos contemporâneos. Com isso, o ator pretende fazer um questionamento sobre o que é arte. "O espetáculo não faz uma apologia, mas discute a pixação que tem um lado artístico como sua grafia, traços e tinta. É uma forma de expressão plástica e tem todo um movimento sociológico em torno dela", explica.



DA CAPITAL E TEATRO HIP-HOP

Em "Pixologia", Emerson insere muito de sua experiência pessoal. Nascido no bairro Cangaíba (na zona leste), o artista já integrou os Shark's, trupe de pixadores vinculada à grife "Os Podrão" e fez rimas de rap com o "Legião de Mc's". Depois, ganhou uma bolsa para cursar teatro na faculdade Anhembi Morumbi e acabou saindo dos grupos para se dedicar aos estudos.

Em 2005, formou a Cia Atos Extremos e, nos dois anos seguintes, iniciou pesquisas sobre o universo da arte urbana. Nessa época, o grupo contava com mais três atores, que iriam abandonar o projeto em andamento. Agora, Emerson tem o apoio de Fernando, ator amazonense com quem contracenou em "Anedotas", peça integrante do projeto "Machadianas", no teatro Ágora, coordenado pelo renomado artista Celso Frateschi.





Fernando, Emerson e Joyce durante a entrevista

# MONTE

Para criar a dramaturgia de “Pixologia”, Emerson relata que se apoiou em teses acadêmicas sobre o tema e fez entrevistas com pixadores nas ruas. Ele conta que encontrou antigos colegas ainda em atividade. Alguns deles inspiraram o texto da peça, como o pixador conhecido como Zé (do Lixo Mania), e que segundo Alcade passou por uma fase azul, “assim como Picasso” quando foi pixar na Espanha.

Outra história conhecida é da menina, sem nome revelado, que atacou o prédio do Batalhão da Rota em São Paulo e pulou de cima do edifício para fugir de policiais. A partir dessas histórias, Emerson reflete sobre o que ele chama de periferia invisível. “As pessoas da periferia se sentem invisíveis no mundo. Por isso, pixam para se afirmar, se arriscam para escrever seu nome e serem vistas”, analisa.

Outra de suas paixões – o rap – permeia a trilha do espetáculo que Emerson define como “teatro hip-hop”. Com um instrumental de fundo, o ator e MC entoa ao vivo rimas criadas por ele. Além de grupos de rap, estão entre suas influências o escritor Ferréz e os dramaturgos Bertolt Brecht e Federico García Lorca. 📍

“O espetáculo não traz respostas, mas fornece argumentos para o debate: pixação é arte ou é crime?”





+ INFO

[ciaextremosatos.blogspot.com](http://ciaextremosatos.blogspot.com)

► ASSISTA

Pixo (Documentário)

Direção: João Wainer e Roberto Oliveira 2009

► LEIA

Ttsss...a Grande Arte da Pixação em São Paulo

Organização: Daniel Medeiros (Boleta)

Textos: Xico Sá, João Wainer e Pinky Wainer

Editora: Editora do Bispo

2006

► CLICK

[www.entrevistastumulos.blogspot.com](http://www.entrevistastumulos.blogspot.com)

[www.duascores.com](http://www.duascores.com)

“Você acha que a pixação deixa a cidade feia? E o esgoto a céu aberto? As favelas?

As escolas sucateadas, abandonadas pelo governo? As ruas sem pavimentação e sem iluminação das periferias? Isso você acha bonito?”.

Luiz Carioca

[www.brechodocarioca.com](http://www.brechodocarioca.com)



# II SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA USP LESTE



Arte: Renato Adriano Rosa

## HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

[www.semanadaconsciencianegrauspleste.blogspot.com](http://www.semanadaconsciencianegrauspleste.blogspot.com)

**DE 16 A 19 DE  
NOVEMBRO 2010**

LOCAL: Escola de Artes, Ciências e Humanidades (USP Leste)  
Rua Arlindo Bétio, 1000 - Ermelino Matarazzo.





# funkessência

[funkessencia.com](http://funkessencia.com)  
soul | funk | jazz

# Todos são culpados



POR NABOR JR. | FOTOS MANDELACREW

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial.

A cada 4 pessoas mortas pela polícia 3 são negras.

Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros.

A cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo”

Quase 13 anos já se passaram desde o lançamento, em 1997, do clássico álbum “Sobrevivendo no Inferno”, do quarteto paulistano de rap Racionais MC’s. O disco – sem dúvida um dos mais significantes da história recente da música brasileira – nos brinda com um contundente manifesto sobre o estado de abandono, violência e exclusão étnico-social que assola as periferias tupiniquins e impede a ascensão econômica do nosso povo e, por consequência, o crescimento democrático do país. Trata-se do início da música “Capítulo 4, Versículo 3”, cujos versos abrem este texto.

Mais de uma década depois constatamos que os números, as ruas e os noticiários sensacionalistas do fim da tarde pouco mudaram. Ainda vivemos tempos ruins.

E o pior, no campo da cultura e da educação, a matemática excludente é a mesma. Dados recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que somente 13% dos brasileiros vão ao cinema pelo menos uma vez ao ano. A museus, 92% nunca foram, assim como 93,4% nunca estiveram em uma exposição de arte e 78% jamais assistiram a um espetáculo de dança. Mais de 90% dos municípios do país não têm salas de cinema, teatros, museus ou outros espaços culturais.

É essa triste realidade, somada a boas doses de Dostoiévski, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, que abastece e estimula a literatura marginal do escritor, cantor e compositor Reginaldo Ferreira da Silva, nacionalmente conhecido como Ferréz. Autor, entre outros, de livros como “Fortaleza da Desilusão” (1997), “Capão Pecado”

(2000) e “Manual Prático do Ódio” (2003).

Em “Cronista de um tempo ruim”, seu mais recente livro, ele externa com detalhes as causas e consequências desse abismo social, étnico e sangrento que separa, não apenas geograficamente, a periferia do centro.

Dividido em contos e crônicas, o livro traz um compilado de 21 textos, alguns deles publicados nas revistas Caros Amigos, Trip e nos jornais Folha de S. Paulo e Lê Monde Diplomatique Brasil. Com narrativa em primeira pessoa, Ferréz apresenta-se como protagonista e interlocutor de uma realidade que muitos não conhecem e, outros, talvez a imensa maioria, finge não conhecer. Para isso conta suas experiências como morador do Capão Redondo, bairro do extremo sul da cidade de São Paulo.

O livro arde, queima, exala realismo e, assim como Ferréz já fizera anteriormente em outras obras, aponta os culpados pela pobreza e violência desenfreada que persegue os moradores das periferias de São Paulo.

Não faltam críticas (tão pouco ameaças - “Paz só a quem merece. E aos que não, Guerra” - diz ele na introdução do livro), à cidade, aos políticos, à polícia, às novelas, à imprensa e a todos que integram o sistema dominante que, segundo Ferréz deixa transparecer, é formado por pessoas

e movimentos que não veem com bons olhos a ascensão social e econômica dos mais pobres. “Cronista de um tempo ruim” destila ódio, raiva e realismo contra a forma como o Brasil é administrado por suas autoridades.

Mas também é otimista ao apontar a leitura, a educação, as ações afirmativas e a transformação política do povo como uma saída.

Ferréz peca, porém, ao eximir, ou, no mínimo, acobertar, o povo que defende. Afinal, na democracia, nossos representantes, por piores que sejam, são eleitos pela maioria. A televisão não liga sozinha. Greves, protestos, reivindicações e a formação de organizações sociais são livres. Quem vai por a mão na massa?

Livro-manifesto, “Cronista...” reúne relatos escritos por quem conhece e vive a história que se propõe a contar.

Saídas? São poucas. Afinal, somos todos culpados. Mas as eleições estão aí e o primeiro passo pode ser dado agora. 🗳️



#### ► LEIA

Livro: Cronista de Um Tempo Ruim

Autor: Ferréz

Editora: Selo Povo

2009

# Benjamin

o filho da “Amnésia nacional”

Os 140 anos do nascimento do primeiro palhaço negro do Brasil

POR NABOR JR. | ILUSTRAÇÃO MLOK - OBS | FOTOS DIVULGAÇÃO

Entre as décadas de 1880 e 1910, enquanto grande parte da população negra do Brasil desfrutava da sua recém conquistada “pseudoliberalidade” ardendo sob o sol das plantações de café, cana-de-açúcar ou vagando sem destino pelas ruas de barro batido do interior do país, um talentoso e jovem negro da cidade mineira de Pará de Minas, filho de escravos, desafiando o futuro que lhe aguardava e contrariando o seu próprio destino, transformou a diversidade social, étnica e econômica que lhe estendia as mãos em sorriso.

Benjamin de



Oliveira, ou simplesmente o Palhaço Benjamin, foi, segundo críticos, o primeiro palhaço negro do país e também um dos primeiros do mundo. Modelo de conquistas, sucesso, determinação e superação para todos os brasileiros, criou o Circo-teatro, escreveu peças de sucesso e participou ativamente do início da indústria cinematográfica no país.

Nascido em 1870, o palhaço faleceu no dia 3 de maio de 1954. Em 2010, completa-se 140 anos de nascimento do





artista. Mas quem conhece a sua biografia?

Autora do livro infanto-juvenil “Benjamin, o palhaço da felicidade”, de 2007, a professora e escritora Heloísa Pires Lima, define este fenômeno de desconhecimento histórico como “Amnésia Nacional”.

Em entrevista concedida à revista O MENELICK 2º ATO, Pires fala sobre a vida e obra do palhaço e reflete sobre a ausência de informações a cerca das contribuições do negro na formação da identidade cultural tupiniquim

### **O MENELICK 2ºATO - Como surgiu a ideia de estudar a vida e a obra do palhaço Benjamin?**

**HELOÍSA PIRES** - A primeira vez que ouvi falar de Benjamin foi no livro “A mão afro-brasileira” (Tenenge,1988) organizado por Emanuel Araújo (diretor do Museu Afro Brasil). Mais tarde, a escritora Heloísa Prieto me pediu uma pesquisa sobre o palhaço negro. Desse levantamento e de conversas com a Heloísa surgiu o convite para tornar o personagem real, tema de um dos títulos da coleção “De repente”, por ela coordenado.

A vontade de apresentar Benjamin às novas gerações traz implícita a questão da memória nacional.

### **OM2ºATO - O que mais lhe impressionou ao**

### **descobrir detalhes da trajetória do artista?**

**HP** - A ideia do livro “Benjamin: o filho da felicidade” surgiu permeada pela coleção: “De repente”, ou seja, quando um acontecimento repentino muda, radicalmente, a biografia de uma pessoa. Imaginei o instante da decisão de Benjamin, então um gurizinho de 12 anos, quando ele resolve partir com o circo que passava pela cidade. Literariamente, a história dos circos em Minas Gerais, ainda no contexto do século XIX, trazia uma itinerância que podia ser contraposta à caracterização do modo de vida numa fazenda em Pará de Minas, onde Benjamin cresceu.

Foi uma surpresa descobrir que ele teve o talento reconhecido por intelectuais do período, como o crítico Arthur de Azevedo, e de ser considerado o nome mais importante para a linguagem do circo-teatro no país. Trata-se de uma personalidade que respondia, com habilidade, às complicações do ambiente social em que vivia. “Rápido no troco” como ele mesmo falava.

### **OM2ºATO – Após sua pesquisa, como você avalia a importância do Palhaço Benjamin no cenário artístico brasileiro?**

**HP** - Benjamin é uma personalidade absolutamente encantadora. Não é apenas o sucesso que ele alcançou, mas, sua postura elegante



## “A memória de Benjamin assim como muitos aspectos da história da população negra no Brasil sofre da falta de acesso aos meios de comunicação”

ao responder desafios. Seja lá no início da carreira, pois sabiam que sua estreia como palhaço se deu em 1889 substituindo outro palhaço que havia adoecido. Na ocasião Benjamin foi enxovalhado pela plateia que o vaiava e o insultava. Atiraram batatas, ovos, tamancos e um dia, prepararam uma coroa de capim. Foi então que o palhaço retrucou para o atirador: “Se deram a Cristo uma coroa de espinho, por que não dariam a mim uma de capim?” A resposta do palhaço silenciou o picadeiro por instantes. E depois, vieram as primeiras palmas dirigidas a ele. Na virada do século XIX para o X, a chamada Belle Époque, vamos encontrá-lo como artista principal do luxuoso Circo Spinelli que circulava nas grandes capitais. Na coluna Palcos e Circos do jornal O Estado de São Paulo aparecia a foto do chamado clown brasileiro Benjamin de Oliveira que enfrentava a concor-

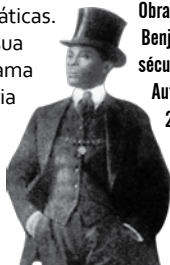
rência dos artistas internacionais. As peças escritas por ele tinham figurino e adereços que vinham de Paris. Ele era muito arrojado. O sucesso veio por suas apresentações teatrais adaptadas à linguagem do circo. Nessa época ele cantava sendo intérprete e autor do início da indústria fonográfica. Ele convidava artistas para participarem das peças que ele mesmo escrevia e dirigia. Quando as câmaras dos irmãos Lablanca chegaram ao país para realizar os primeiros filmes, foi a pantomima “Os Guaranis”, em cartaz e com grande sucesso, a selecionada para ser gravada sem decoupage. Ou seja, ele também está associado ao início da indústria cinematográfica no país.

**OM2ºATO – Qual foi a contribuição do Palhaço Benjamin para a criação do chamado Circo-teatro?**

**HP** – Bem, foi Benjamin de Oliveira que inventou uma modalidade artística e a chamou de circo-teatro. Podem ter tido iniciativas anteriores, mas foi ele que a projetou e a transformou em sucesso de público e de investimento.

### **OM2ºATO - Benjamin exercia sua negritude?**

**HP** - Suas peças debatiam sobre preconceito. Sobretudo, ele perseguia a falsa moral, o preconceito social e racial. A primeira peça que ele escreveu, “O Diabo e O Chico” é explícita na denúncia do racismo. Agora, para termos a dimensão de sua vida, imagine ele fugindo pelas estradas de Minas, antes da abolição. Pois ele mesmo conta em uma de suas entrevistas que precisou fugir de um circo de ciganos cujos donos planejavam trocá-lo por um cavalo. Ele salta fora e corre muito. Depois de muitas léguas, bate numa casa contando que estava sendo perseguido por ciganos e pede água e comida. Mas, a família achou que ele estava fugindo de alguma fazenda vizinha. Benjamin convence que tinha uma profissão demonstrando suas habilidades acrobáticas. Ele só contava com o próprio corpo e sua inteligência. Então recebeu comida, cama e a proteção que necessitava. Não devia ser fácil mas, a arte do palhaço é o imprevisto e nisto ele foi rei. 🎩



### **CIRCO-TEATRO**

Foi um gênero de teatro muito comum e de muito sucesso no Brasil durante o século XX. Onde pequenas companhias circenses se alternavam por todo o país, apresentando um número grande de textos teatrais, uns cômicos, outros melodramáticos.

### **BELLE ÉPOQUE**

É considerada uma era de ouro da beleza, da inovação e da paz entre os países europeus. Foi um período de efervescência que começou no final do século XIX e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

#### **► LEIA**

**Livro: Benjamin: O Filho da Felicidade**

**Autora: Heloisa Pires Lima**

**Editora: TFD**

**2007**

**Livro: Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**

**Autor: Nei Lopes**

**Editora: Selo Negro**

**2004**

**Obra: As múltiplas linguagens na teatralidade circense - Benjamin de Oliveira e o circo-teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX (Tese de doutorado Unicamp)**

**Autora: Erminia Silva**

**2003**

Vuvuzela, o grito africano volume 2:

# Sandra Izsadore



POR RAMIRO ZWETSCH | FOTOS DIVULGAÇÃO

**O**nigeriano Fela Kuti é um dos melhores exemplos de que, também na música, por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher. Não só porque ele se casou com nada menos do que 27 esposas em uma cerimônia de caráter político, nem por causa da presença vibrante das dançarinas nas suas performances, tampouco por causa do contraponto onipresente do coro feminino aos gritos de guerras do vocal principal: é, principalmente, porque antes de conhecer uma grande mulher, seu discurso ainda não tinha a veia política que o transformou num ativista contundente, além

de pedra pontiaguda e permanente no sapato do governo nigeriano.

A norte-americana Sandra Izsadore hospedou Fela em Los Angeles, durante uma turnê do nigeriano, em 1969. No decorrer da estadia, Fela leu a auto-biografia de Malcom X, foi apresentado às ideias dos Panteras Negras e ouviu muitos discos de Miles Davis e Nina Simone.

Musicalmente, ele levou de volta à Nigéria uma influência mais explícita do jazz norte-americano e esse foi um dos elementos cruciais para a



revolução rítmica que resultou no afrobeat, criado pouco depois. Politicamente, assumiu o protesto como tema quase exclusivo em suas canções e virou uma liderança de oposição. Emocionalmente, voltou apaixonado.

“Sandra me deu o suporte financeiro que eu precisava e um conhecimento que eu não tinha. Ela me apresentou Malcom X; os Black Panthers; a história da África”, admitiu certa vez o músico em entrevista à revista norte-americana “Spear”.

O amor, porém, não se firmou (vá convencer uma ativista de que poligamia é algo cultural e/ou político e /ou legítimo). Se você nunca ouviu falar nela, comece pelo disco “Upside Down”, de 1976. Trata-se de mais uma poderosa produção de Fela Kuti e África 70 em seu período mais inspirado, com uma singular diferença: os vocais principais são de Sandra Izsadore – e é empolgante ouvir um arranjo tipicamente “felakutiano”, marcado como sempre pelos ataques dos metais e por um groove aceleradamente minimalista, em que voz e coro são femininos.

Para ouvir, o caminho mais fácil é o youtube ([www.youtube.com/watch?v=gLDx\\_jvqkTA](http://www.youtube.com/watch?v=gLDx_jvqkTA)). Mas o disco há de estar disponível na íntegra em algum lugar da rede.

O vinil original? Se encontrar, por favor, avise! ▶



Fela e Izsadore, ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher

▶ **CLICK**  
[radiolaurbana.com.br](http://radiolaurbana.com.br)  
[myspace.com/sandraizsadore](http://myspace.com/sandraizsadore)



# Ave, Maria

Luz, desejo e sensualidade

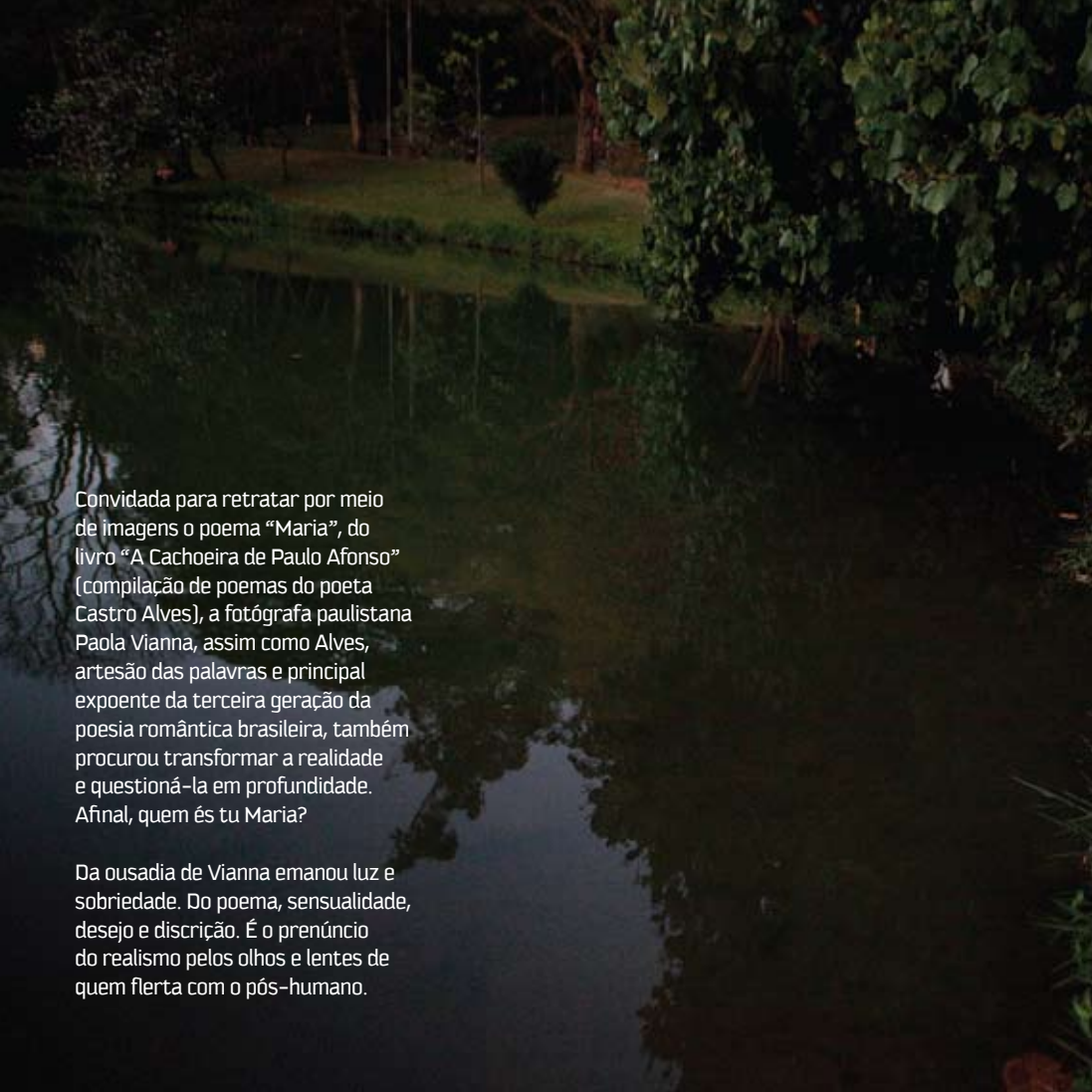
FOTOS PAOLA VIANNA

Onde vais à tardezinha,  
Mucama tão bonitinha,  
Morena flor do sertão?  
A grama um beijo te furta  
Por baixo da saia curta,  
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas!  
O bando das rolas bravas  
Vooou com medo de ti!...  
Levas hoje algum segredo...  
Pois te voltaste com medo  
Ao grito do bem-te-vi!

Serão amores deveras?  
Ah! Quem dessas primaveras  
Pudesse a flor apanhar!  
E contigo, ao tom d'aragem,  
Sonhar na rede selvagem...  
À sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola  
Te ouvisse a moda espanhola  
Da lua ao frouxo clarão...  
Com a luz dos astros – por círios,  
Por leito – um leito de lírios...  
E por tenda – a solidão!



Convidada para retratar por meio de imagens o poema “Maria”, do livro “A Cachoeira de Paulo Afonso” (compilação de poemas do poeta Castro Alves), a fotógrafa paulistana Paola Vianna, assim como Alves, artesão das palavras e principal expoente da terceira geração da poesia romântica brasileira, também procurou transformar a realidade e questioná-la em profundidade. Afinal, quem és tu Maria?

Da ousadia de Vianna emanou luz e sobriedade. Do poema, sensualidade, desejo e discrição. É o prenúncio do realismo pelos olhos e lentes de quem flerta com o pós-humano.



**Poesia lírico-amorosa** conserva resquícios do subjetivismo cultuado pelos poetas da segunda geração, contudo, a figura da mulher já não é mais idealizada, intocável, e sim vista por um plano mais realista, resultante de um amor materializado.







## O poeta dos escravos

Por seu entusiasmo frente as causas de liberdade e justiça (acima de tudo contra a escravidão), o baiano Antônio Frederico de Castro Alves, talvez o maior poeta romântico que o país já conheceu, ficou conhecido como o “Poeta dos Escravos”.

Alves nasceu em 14 de março de

1847, na Vila de Currálinho, na Bahia, e faleceu em Salvador, no dia 6 de julho de 1871.

Sua obra poética pode ser subdividida em duas vertentes: lírico-amorosa e poesia social, através da qual conseguiu despertar um espírito crítico diante das consciências que notadamente desejavam o fim da escravatura. 🇧🇷

**Poesia social** denúncia e insatisfação frente ao cenário político da época, mais precisamente da escravidão brasileira.





Fotos: Paolo Vianna  
paolavianna.com.br

Modelo: Xênia França  
xenia\_eric@hotmail.com

Estilista e Stylist: Priscilla Young  
prillyoung@gmail.com

Make up e Hair: Clovis Pedroso  
clovis-pedroso@hotmail.com

Ass. Fotografia: Thais Jatene  
thaisjatene@gmail.com

Making Off: Daniel Bernardinelli  
bernardinelli@gmail.com

► **PRINCIPAIS OBRAS DO POETA**

Espumas Flutuantes, 1870  
A Cachoeira de Paulo Afonso, 1876  
Os Escravos, 1883

► **ASSISTA**

Castro Alves — Retrato falado do poeta  
Diretor: Silvio Tendler  
1999

Vem aí o evento + descolado + criativo e + badalado da cidade...

**MERCADO**  
MUNDOMIX



**Entrada**  
**R\$ 5,00**

**11 E 12**  
**SETEMBRO DE 2010**  
**SÁB E DOM**  
**DAS 14 ÀS 22HS**

**Club Homs**

Av. paulista, 735 – metrô Brigadeiro  
esquina da Al. Joaquim Eugênio de Lima

**E** Estacionamento no local

**:Dia 11 Sábado**

DJ Will Robson comanda a primeira Batalha de I-Pods  
na Rádio Mundo Mix Sound System.

**:Dia 12 Domingo**

A RADIO PIRATA invade as Pic-ups da Rádio MMSS.  
O vencedor da Batalha de I-Pods ganhará 30 minutos no  
palco para tocar seu set-list.

O evento será transmitido  
ao vivo no Blog da RADIO PIRATA  
e no site do Mercado Mundo Mix


Mídia:



Apoio:



[www.mercadomundomix.com.br](http://www.mercadomundomix.com.br)



Fundadores do FCCB em registro feito no início das atividades do clube, nos anos 40

# Jovem setentão

**Considerado um dos mais tradicionais clubes de fotografia do país, FCCB deixa saudosismo de lado para dialogar com geração do “dedo nervoso”.**

**D**esde quando a lendária Rolleiflex 6x6 ainda era um lançamento, o Foto Cine Clube Bandeirante (FCCB), que este ano completa 71 anos de existência, mantém-se em atividade ininterruptamente.

Fruto do trabalho de gente apaixonada por fotografia, a entidade nasceu em 1939 e, desde 1998, ocupa um pequeno prédio na movimentada região conhecida como baixa Augusta, em São Paulo.

Apesar de setentão, o clube, visto como referência quando o assunto é fotografia moderna brasileira, soube adequar-se aos avanços tec-

nológicos impostos pela modernidade e hoje, após reformular sua grade de cursos, investir na comunicação digital e ver o quadro de sócios voltar a engordar, reflete a jovialidade do seu comandante.

Fotógrafo e web designer, José Luiz Pedro, 35, é quem há sete anos preside o clube. Conhecedor da fotografia, da sua história, personagens, estilos e equipamentos, ele nos concedeu uma entrevista onde falou sobre as mudanças advindas com a era digital, dos seus 14 anos de clube e desmistificou impressões saudosistas sobre o Bandeirante.





## OMENELICK 2º ATO – Como começou sua história no Bandeirante?

José Luis – A Folha [jornal Folha de S. Paulo] tinha feito uma coleção sobre fotografias e eu vi as fotos do Salgado [Sebastião]. Quis saber mais sobre aquilo e fui procurar aulas técnicas. Conheci um professor que na época estava indo para o Bandeirante, que ainda ficava na Aclimação. Ele me convidou pra trabalhar lá e eu topei. Isso era em 1996...

## OM2ºATO – O que você acha que mudou desde então?

JL – Pra responder isso tenho que voltar na história. Fotografia é um hobby caro. Hoje ainda é assim, mas na época era mais. Quem fotografava no início do século passado? Industriais, advogados, gente que tinha dinheiro. O Bandeirante foi formado por pessoas influentes e com certa grana. O clube foi levado como um clube de amigos no começo. Depois do Salão Paulista de Arte Fotográfica, começaram a levar a coisa a sério. Foi aí que entrou o nosso Corleone, o Salvatore [Eduardo] que ficou na presidência de 1943 até 1990. É praticamente ele que conta a nossa história nos livros. Mas, dando um salto da década de 50, veio a Escola Paulista, o fotojornalismo, aí o fotoclubismo deu uma caída, a

## “Uma hora eu achava que tudo ia pro buraco. Tinha virado meio clube de bocha, sabe?”

década de 70 foi meio bizarra, a de 80 quase morreu, o que retomou mesmo o fotoclubismo foi o digital.

## OM2ºATO – E como isso aconteceu?

JL - Por volta de 2000, algumas iniciativas das empresas de fotografia tinham dado errado. Entre filme P&B, papel fotográfico e químico, quando o cara chegava no laboratório, já tinha gasto quase 200 reais. Tudo muito caro. Com o digital começaram a fotografar de novo. Embora agora a gente chame de “cultura do dedo nervoso” porque o pessoal acha que a máquina não vai acabar nunca...

## OM2ºATO – E tiram as famosas fotografias pra ninguém ver...

JL – Metade vai pro lixo. O resto, pro flickr. Por isso, no começo, o digital derrubou a gente. O pessoal pensava: “pra que vou aprender a fotografar se a máquina faz sozinha?” Aí compravam mono reflex com um tempo de vida útil que é metade da analógica. E vem os problemas



com obturador, no ccd etc. Por isso as pessoas voltaram a procurar as aulas. De repente tudo mudou. Quando organizamos a bienal de clubes em 2003 eram 18 no total, hoje existem 70! Na comemoração dos 60 anos do Bandeirante não sabíamos direito o que tínhamos, na exposição dos 70 anos, ano passado (2009) foi totalmente diferente. Isso retomou a idéia dos clubes de fotografia e o interesse das pessoas.

### **OM2ºATO – E você não sente um clima de saudosismo quando as pessoas procuram pelo Bandeirante?**

JL – É mais de fora pra dentro do que de dentro pra fora. Chegam pessoas aqui dizendo que o avô ou o pai pertenceram ao Bandeirante na década de 40, mas eu tenho 30 anos, não conheci essas pessoas. Conheci muitos dos caras que morreram entre 2000 e 2005, como o Salvatore [Eduardo] e alguns que ainda estão vivos como o Lorca [German], mas a maioria não. Acho que se fala muito desse saudosismo porque realmente o clube viveu disso enquanto eles estavam presentes. Muitos deles ficaram até morrer. Foram pioneiros em sua época, mas continuaram

seguindo a mesma linha sempre. Um pioneiro na década de 40 não é pioneiro na década de 80. Quando mudamos pra cá [rua Augusta] pensamos em fazer diferente. Vamos contar a história do clube, mas a fotografia mudou e vamos mudar com ela. Quando se lê o livro da Helouíse Costa [A Fotografia Moderna no Brasil] dá a impressão que é um clube que teve começo meio e fim...

### **OM2ºATO – E que vive até hoje desse saudosismo...**

JL – E não é?! Como eu disse, é mais de fora pra dentro. Produzimos muito. Fazemos passeios fotográficos, participamos de bienais, concursos, salões. A Ferrari é Ferrari independente do piloto que está lá, não é? Então, o Bandeirante continuou até hoje e vai continuar.

### **OM2ºATO – Em termos estéticos, é inegável que o experimentalismo exercitado no Bandeirante foi importante pra história da fotografia. Hoje, você acha que existe uma estética a ser superada com a fotografia digital?**

JL – Com a digital é como se a fotografia começasse de novo. Não no sentido do equipamento, que eu acho que só ficou mais barato para o fotógrafo, mas em relação às composições mesmo. Tem que bater mais nessa tecla pra aprender a fotografar profissionalmente. Porque o cara simplesmente compra a câmera e sai fotografando. Entra no nosso estúdio aqui e usa o fotômetro da câmera. A gente fala que

precisa do fotômetro manual, mas ele faz de qualquer jeito. Virou pãozinho sabe? E por quê? Porque ele pode corrigir no Photoshop depois!

**OM2ºATO – De que forma você acha que essa geração que não aprendeu a fotografar com película vai olhar para o fotoclubismo?**

**JL** - Não acho que quem não conheceu película tem um problema. Eu também não conheci negativo de vidro e não me sinto frustrado por isso. É só um instrumento. Hoje se fotografa com celular... Eu vejo o pessoal da película como quem curte Western, ou carro antigo. O hobby dura enquanto a Kodak produzir o filme, né? Com o digital, os maiores compradores de filme P&B são as escolas e os fotoclubes. O digital vai

acabar é com o filme colorido porque ninguém tem a intenção de fazer ampliação de filme em cor manualmente. A tendência é ter um salto engraçado: haverá o P&B e o digital. 📍

**OM2ºATO – Em relação à negritude, você já teve algum problema?**

**JL** - Sabe que os caras até me perguntam: "Você é o presidente do Fotoclube mais tradicional da cidade e tu é negão! Eu digo: "E daí?" Isso nunca me atrapalhou. Eu tenho uma história aqui.

► **CONHEÇA**  
**FOTO CINE CLUBE BANDEIRANTE**  
Rua Augusta, 1108 - (11) 3214 - 4234  
[www.fotoclub.art.br](http://www.fotoclub.art.br)



**SOSO** arte contemporânea africana

kiluanji kia henda

inauguração 19 de agosto 18h - 21h  
20.08 > 18.09.10 segunda a sexta 11h - 19h  
(sábado até às 16h30)

av. são joão, 313, 2º andar, centro  
são paulo - sp, cep 01035-001  
tel. 55 [11] 3222 3973

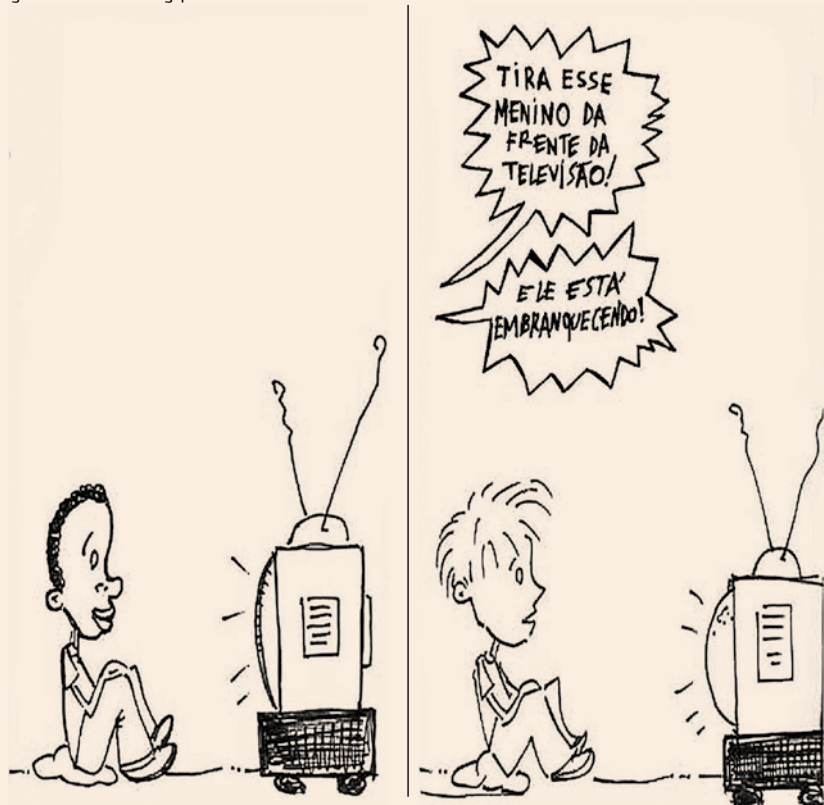
[soso@soso-artecontemporaneaafriicana.com](mailto:soso@soso-artecontemporaneaafriicana.com)  
[www.soso-artecontemporaneaafriicana.com](http://www.soso-artecontemporaneaafriicana.com)  
[www.facebook.com/soso.sp](https://www.facebook.com/soso.sp)  
[twitter.com/SOSO\\_SP](https://twitter.com/SOSO_SP)

kiluanji kia henda | Um Recuerdo Para Ti  
Impressão fotográfica sobre alumínio | 107x150 cm

# Tiradas

Por Alexandre Cruz (Xandão)

[www.blogdoalexandrecruz.blogspot.com](http://www.blogdoalexandrecruz.blogspot.com)



# J. Protásio

Camisetas Afro Criativas



ACEITAMOS ENCOMENDAS

*Vista a exclusividade de ter uma obra de arte  
estampada no peito!*

PEÇAS PRODUZIDAS ARTESANALMENTE E INSPIRADAS NA BELEZA NEGRA

(11) 2778 7996/ 7251 2956

[jucara23@yahoo.com.br](mailto:jucara23@yahoo.com.br)

[jprotasiocriativa.blogspot.com](http://jprotasiocriativa.blogspot.com)

APRESENTE ESTE ANÚNCIO E GANHE 15% DE DESCONTO NA COMPRA DE 3 CAMISETAS!



